

32º Encontro Anual da ANPOCS

GT 30 Pensamento Social Brasileiro

Título: Mitologia e Tentativas de Desencantamento: Problemas e Sugestões para uma
Biografia Intelectual de Gilberto Freyre

Autor: Roberto Motta

2008

Mitologia e Tentativas de Desencantamento: Problemas e Sugestões para uma Biografia Intelectual de Gilberto Freyre

Resumo

Poucos autores do porte de Gilberto Freyre têm tido tanto êxito na elaboração, direta ou indireta, sob forma muitas vezes de diários e memórias pessoais, mas também se servindo de interpostas pessoas, na elaboração da própria (e mítica) história de vida e de evolução intelectual. A grande mitologia biográfica de Gilberto Freyre se cristaliza pelo menos desde meados da década de 40, estando perfeitamente representado em Gilberto Freyre: Notas Biográficas, assinado por Gilberto de Mello Meneses (1944). Essa biografia “canônica” é retomada por muitas outras publicações, de maior ou menor porte, e de diversas tendências teóricas, até o dia de hoje, e isto apesar de valentes esforços de revisão, empreendidos no Brasil e no exterior. Ora, a adequada compreensão do Brasil requer a adequada compreensão da obra de Gilberto e este não é o menor elogio que se pode fazer ao grande Pernambucano. Várias estratégias de demitificação, isto é, de análise científica, podem ser sugeridas, como o acompanhamento crítico de datas e edições, inclusive da imensa obra jornalística do autor.

Prólogo em Columbia

Eu me lembro perfeitamente de uma vez, provavelmente em 1970, que eu ia saindo de Schemerhorn Hall, que é onde fica situado, no *campus* de Columbia University, o Departamento de Antropologia. Fui nesse momento abordado por um pesquisador, que não pertencia ao nosso departamento nem, com certeza, à nossa universidade. E ele, sem muitos preâmbulos, me disse que estava ali para fazer pesquisas e entrevistas sobre as idéias e a influência de Franz Boas. Querendo ser útil e, ao mesmo tempo, bom brasileiro e bom pernambucano, recomendei a meu interlocutor que não deixasse de incluir no seu trabalho o relacionamento entre Boas e Gilberto. E aí foi como se eu tivesse cometido alguma inconveniência. O Americano, evidentemente melhor informado do que estava até então querendo aparentar, lançou-me um daqueles olhares entre condescendentes e compadecidos, que os Americanos reservam para Brasileiros (e assemelhados), “uppity”, como eles dizem (e se não dizem, pensam), que não conhecem seu lugar e que se metem a falar (ou a publicar) sobre o que jamais chegarão a entender perfeitamente.

Fiquei sem saber se o pesquisador nunca tinha ouvido falar em Gilberto Freyre -- e, por aquela altura do seu trabalho, alguém de quem nunca tivesse ouvido falar, também não valia a pena estudar-- ou se, ao contrário, já tendo ouvido falar de Gilberto, não via motivos para considerá-lo como discípulo de Boas, no mesmo nível, como eu até então acreditava, de Lowie, Kroeber, Sapir, Wissler, Benedict, Mead, Herskovits, etc. Gilberto aliás não estava, “por aquél entonces”, em grande odor de santidade entre antropólogos americanos, sobretudo talvez em Columbia University, o que, se não era causado, era

agravado pelas posições políticas que tão acintosamente assumia, de apoio tanto ao regime militar que dominava o Brasil, quanto ao domínio português em Angola e Moçambique.

Eu acho que aquele foi o encontro de dois ingênuos. O pesquisador americano por abrir-se sobre seu projeto ao primeiro estudante pós-graduado que encontrasse perto da porta. E o Brasileiro por vários motivos, começando pela crença nas credenciais boasianas de Gilberto. E ambos, por talvez não termos ainda percebido que, por volta de 1970, o Departamento de Antropologia de Columbia, apesar de tudo que pudesse possuir para pesquisa sobre Boas, era um dos lugares menos boasianos, eu até diria, mais antiboasianos, que podia haver no mundo, dominado que era por Marvin Harris, ferrenho adepto do materialismo cultural, que, entre outras coisas, implicava numa teoria evolucionista e determinista, dando toda ênfase aos fatores “tecnoambientais” e “tecnoeconômicos”, que não podia ser mais oposta ao “particularismo histórico” ou ao “culturalismo” de Franz Boas.

Provavelmente em decorrência desse encontro, eu tive, pouco depois, curiosidade de solicitar, aos arquivos de Columbia, uma cópia do histórico escolar de Gilberto Freyre. Mas a que título, já que eu não era nem parente nem procurador? Parecia que eu estava sendo abelhudo. No entanto me deram uma declaração que, a rigor, não era nenhuma novidade, pois dizia o que, em teoria, pertencia ao domínio público. Dizia, isto é, que Gilberto Freyre havia estado, em Columbia, matriculado no Departamento de História --neste e em nenhum outro, nada das referências a “ciências políticas, sociais, jurídicas” e assemelhadas, que até hoje aparecem na melhores biografias e nas melhores reedições-- de janeiro de 1921 a janeiro de 1922, tendo sido, durante esse período, “a student in good standing”.

Fiquei muito surpreso, mas passei a entender melhor porque, do que me conste, simplesmente não há referências a Gilberto em estudos norte-americanos sobre Boas, sua escola e sua influência. É uma situação paradoxal, porque, como sabemos, é desde a primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* que, com todas as letras, Gilberto afirma, e passo a citar, que

... dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. [...] Foi o meu estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor --separados dos traços de raça os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste

critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio (1933:12).

Para o propósito desta comunicação, convém colocar esse trecho dentro de seu contexto, de modo que vou citar também o que imediatamente o precede. Quem me ouvir, ou ler, até o fim, verá aonde quero chegar:

Tive a fortuna de realizar grande parte de minha excursão pelo Sul dos Estados Unidos na companhia de dois antigos colegas da Universidade de Columbia --Ruediger Bilden e Francis Butler Simkins. O primeiro vem se especializando com o rigor e a flegma de sua cultura germânica no estudo da escravidão na América, em geral, e no Brasil, em particular. [...] Devo a meus dois amigos, principalmente a Ruediger Bilden, sugestões valiosas para este trabalho; e ao seu nome devo associar o de outro colega, Ernest Weaver, meu companheiro de estudos de Antropologia no curso do Professor Franz Boas. O Professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias de Columbia (1933:xi).

Não poderíamos imaginar profissão mais nítida de boasianismo, embora se possa aventurar algum reparo ao modo como Gilberto a formula nesta passagem. Mas o que me concerne, nesta comunicação, não é se está ou não inteiramente correta a interpretação de Boas por Gilberto¹, porém como conciliar essa profissão de fé, que não se limita ao plano abstrato das idéias, mas menciona “estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas”, que só podem ter tido como teatro a própria universidade de Columbia, com o único ano que Gilberto passou nessa universidade, matriculado no Departamento de História e tendo portanto que nele seguir a maior parte dos seus cursos.

E de fato, de acordo com Maria Lúcia Pallares-Burke, Gilberto esteve matriculado, durante seu único ano de estudos de Columbia, em 15 (ou 16)² cursos, dos quais seis (ou sete) em História, dois em Sociologia, dois em Direito (destes um de extensão), dois em Antropologia (ambos ministrados por Franz Boas), um em inglês e

¹Poderíamos, por exemplo, argüir que a diferenciação fundamental entre raça e cultura, essa autêntica banalidade antropológica, é bem mais antiga do que Boas, já se exprimindo na muito famosa passagem de Tylor: *Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume, quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade* (1871:1; o grifo na citação é de R. M.) Claude Lévi-Strauss comenta este trecho do seguinte modo: “*A noção de cultura é de origem inglesa, posto que se deve a Tylor tê-la definido pela primeira vez [...] Ela relaciona-se com as diferenças entre o homem e o animal, dando assim origem à oposição, que ficou clássica desde então, entre natureza e cultura*” (Claude Lévi-Strauss, 1975:397). O conceito de cultura possui também antecedentes filosóficos, que não precisam nem poderiam ser aqui discutidos. Boas não inventou nem pretendeu ter inventado essa distinção. Mais específico de Boas é o rompimento com o evolucionismo e com diversas formas de determinismo da cultura pelo ambiente geográfico e pela raça. E só com essa restrição é que se pode concordar com Gilberto Freyre, ao dizer que Boas “separa” os traços de raça dos de herança cultural.

² Depende de como se deve interpretar “History 163-4”.

finalmente um, também de extensão, em Belas Artes. Maria Lúcia acrescenta que Gilberto obteve notas apenas em História, Sociologia e Direito,³ sem contudo explicitar em quais cursos nessas disciplinas.⁴

Enigma Genealógico

No dia 6 de novembro de 1993, eu fiz publicar, no muito tradicional *Diário de Pernambuco* (que se preza de ser o jornal mais antigo em circulação na América Latina), um artigo que repercutiu muito na província, tendo atraído tentativas de refutação e muitas antipatias, pois eu estava mexendo com um dos símbolos da pernambucanidade. Nesse artigo, intitulado “Boas e Gilberto”, eu divulgava a informação que me havia sido fornecida pelos arquivos de Columbia mais de 20 anos antes.⁵ No mesmo texto eu, com muita prudência, acrescentava que

Somente a cópia do histórico escolar é que poderá esclarecer definitivamente minhas dúvidas. Por enquanto concedamos a Gilberto a possibilidade de ter ouvido uma ou várias conferências de Franz Boas ou de ter acompanhado, como aluno regular ou como ouvinte, alguma disciplina com Franz Boas fora do Departamento de História.

Mas a esta ressalva eu juntava uma contra-ressalva:

Por outro lado, quem estudou nos Estados Unidos, e logo na própria Columbia [como é meu caso], conhece o exclusivismo que prevalece nos departamentos pós-graduados, de modo que me parece altamente improvável [...] a “orientação com o Professor Franz Boas”. Quem viver e pesquisar, haverá de ficar sabendo.

Até parece que terminei esse artigo com um anúncio profético de Maria Lúcia Pallares-Burke, que felizmente vive, pesquisa e publicou sobre esse assunto, tendo tido acesso aos documentos que não consegui. Como diz o evangelho, era preciso que ela crescesse e eu diminuísse. E eu tive a honra de ser mencionado por Maria Lúcia numa nota de pé de página à página 73 do seu livro, que eu considero como marco

³ À base de minha própria experiência de estudante pós-graduado de Columbia, ainda que 50 anos depois (podendo portanto ter havido mudanças na sistemática), acho improvável, mas não impossível, que Gilberto tivesse prestado, durante um único ano, exames em dez cursos, sob a forma de provas ou de *term papers*.

⁴ Maria Lúcia perdeu uma ótima oportunidade de organizar (ou de talvez simplesmente transcrever) uma tabela em quatro colunas, com o nome dos cursos, dos professores, “sessões” (semestres ou trimestres) e as notas finais. Embora essas coisas mudem nas universidades de acordo com a época, parece estranho que Gilberto obtivesse apenas “passing grades” (P) nos cursos em que obteve notas, como a autora dá a entender na nota de rodapé 55 da página 74. Teriam esses *grades*, suficientes mas não brilhantes, representado obstáculo para que não continuasse o mestrado com um doutorado?

⁵ Não foi esta a primeira vez que utilizei esse material. Eu já havia publicado essa mesma informação entre outros em Motta 1989.

fundamental, um dos pontos mais altos da pesquisa sobre Gilberto Freyre em todos os tempos, apesar das divergências que possa ter com algumas de suas interpretações.

Porém eu creio que foi só de oitava que Pallares-Burke tomou conhecimento do meu texto⁶. Ela simplesmente não parece ter lido o artigo, como, muito menos, parece saber que fui eu próprio estudante pós-graduado do Departamento de Antropologia de Columbia.⁷ E diz o seguinte a meu respeito:

Cumprer assinalar que Roberto Motta (1993), ao verificar que Freyre tinha sido aluno regular do Departamento de História, e se esquecendo que as universidades norte-americanas têm um sistema de “major interest”, concluiu erradamente que ele não tinha sido aluno de Franz Boas (p. 73).

Mas foi Maria Lúcia que concluiu erradamente que eu concluí erradamente, porque eu não tinha concluído o que ela me atribui. Eu não ultrapassava as premissas da documentação a que tive acesso e apenas concluía que era altamente improvável que, matriculado no Departamento de História, tivesse estudado sob “a orientação” do Professor Franz Boas e isto apesar dos cursos ministrados por Boas, a que assistiu como ouvinte, hipótese que eu previa explicitamente no artigo que, como já dei a entender, não sei se chegou a ser lido pela autora.

O Mito Boasiano

Já se pode começar a perceber o que tenho denominado o “enigma genealógico”⁸ em torno da obra de Gilberto Freyre. A primeira dificuldade é por que, se não propriamente orientando (*advisee*) de Franz Boas em Columbia University, declara ter sido “*o meu estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas*”, etc, e que este “*é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão*”. A influência de Boas teria sido então decisiva nos estudos que empreendeu na Universidade de Columbia. É isto o que se pode considerar como o aspecto essencial do mito boasiano, que desponta, como se pôde ver pelas citações, já no prefácio da primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*.

⁶ E ainda menos dos meus outros textos, pois ao artigo do dia 6 de novembro, seguiram-se três outros sobre o mesmo tema: “Menos Boas e Mais Gilberto” (*Diário de Pernambuco*, 20 de novembro de 1993), “Ingrato? Verdadeiro?” (*Jornal do Commercio* [do Recife], “Em Resumo” (*Diário de Pernambuco*, 4 de dezembro de 1993).

⁷ Informação essa que, bem entendido, não é necessária para a felicidade de ninguém.

⁸ Utilizei essa expressão em “Gilberto Freyre: Um Enigma Genealógico”, projeto enviado por mim (em colaboração com Marcionila Fernandes) ao CNPq em agosto de 2004.

O mito boasiano faz parte de uma mitologia ainda mais vasta, isto é, daquilo que Élide Rugai Bastos chama simplesmente de “o mito Gilberto Freyre” (2006:18ss), composto

da imagem oficial de Gilberto Freyre que ele próprio, ao longo de muitos anos, teve o cuidado de administrar, de modo direto ou indireto ou indireto. [...] Através dessa mitologia, construída por ele e por seus intérpretes, recuperamos a relação entre a obra e a época, o presente e o passado (p. 19).

Acompanhar o surgimento, as transformações, as cadeias de transmissão dessa mitologia seria tarefa sem dúvida fascinante, mas aqui terei de ficar limitado ao planteamento de alguns problemas e a algumas sugestões. Dessa mitologia faz parte, como acabamos de ver, o estudo de Antropologia sob a orientação de Boas. Faz parte também o quase completo silêncio⁹ com que Gilberto deixa passar o fato de que foi aluno matriculado do Departamento de História de Columbia, o que é substituído pelo eufemismo “*fez estudos pós-graduados (de Mestrado e Doutorado¹⁰) de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Columbia*”, apenso a muitas edições dos seus livros. No momento utilizo a primeira edição de *Tempo Morto e Outros Tempos*, datada de 1975 (p. 252). Na mesma edição, logo em seguida ao trecho citado, lê-se “*onde teve por mestres, entre outros, o antropólogo Franz Boas, o sociólogo Giddings, o economista Seligman, o jurista John Basset Moore, o também mestre de Direito Público Munro, o jurista e internacionalista inglês Sir Alfred Zimmern, este de Oxford*” (p. 252). Note-se a ausência de qualquer nome do Departamento de História de Columbia.

Já na segunda edição do livro (2006),¹¹ esta passagem aparece atenuada, apesar da pompa e das circunstâncias que acompanham a “Faculdade”. O boasianismo é diluído e aparece, da História de Columbia, o muito prestigioso nome de Carlton Hayes: “*Segue, na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Columbia, cursos de graduação e pós-graduação dos Professores Giddings, Seligman, Boas, Hayes Carl Van Doren, Fox, John Basset Moore e outros*” (p. 305, cf. a edição de 2003 de *Casa-Grande & Senzala*, p. 645). Causa estranheza a referência a cursos de “graduação” (que não constam da lista de Pallares-Burke), provavelmente devida a um *lapsus calami*.

⁹ As mitologias se compõem de afirmações, negações e não menos decisivas omissões.

¹⁰ “Excuse du peu”... Mas o que vem depois é ainda mais grandioso.

¹¹ Por uma inacreditável falta de profissionalismo editorial, faltam, às duas edições do livro, índices onomásticos.

Construção da Mitologia

O próprio Gilberto Freyre foi o grande construtor de sua mitologia, ainda que muitas vezes se valendo de interpostas pessoas. O processo foi extraordinariamente reforçado pela publicação do já referido *Tempo Morto e Outros Tempos*, que não hesita em apresentar-se com o subtítulo de *Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade*. A obra jornalística de Gilberto serviu muitas vezes como outro poderoso e contínuo reforço mitológico. Por este e outros motivos --entre estes o acompanhamento detalhado da evolução política de Gilberto-- tenho destacado, em vários de meus trabalhos (entre publicados, semipublicados e inéditos) a importância para a elaboração da biografia intelectual de Gilberto Freyre, de uma edição crítica, se possível fac-similar, dessa vastíssima obra. Acrescento que as coletâneas até agora disponíveis, passaram, em maior ou menor grau, por alterações, porventura legítimas, que refletem percepções e interesses que já não são os mesmos da primeira publicação dos artigos.

A mitologia também se apresenta em livros, mais especificamente em biografias intelectuais, tais como a de Diogo de Mello Meneses (1944, 1991 2ª edição) e Vamireh Chacon (1993). E a mitologia se projeta em trabalhos bem posteriores. O livro, ainda muito recente, de Rodriguez Larreta e Giucci (2007) se vale em vários trechos da autoridade de Meneses (e logo da do próprio Gilberto), o qual, segundo os autores¹²

editou um ensaio biográfico, de cunho altamente pessoal, que fornece detalhes da juventude e da formação do autor. É um texto surgido do círculo de amigos íntimos de Freyre, e sua presença direta é uma característica dessa biografia. Tal intimismo define seu valor documental, bem como seus limites (p. 10).

Reivindicação e Ocultação

Façamos agora uma espécie de resumo, que ainda não pode ser das conclusões, mas das dificuldades, isto é, do nosso enigma genealógico. Gilberto não foi *advisee*, isto

¹² Na verdade, esses dois autores, sem levarem em conta as retificações efetuadas por trabalhos já disponíveis na época em que preparavam sua “biografia cultural”, continuam a singrar tranquilamente pelo mar da mitologia. Segundo eles, “*em Nova York, além de travar contato com círculos literários e universitários no clima excitante do primeiro pós-guerra, Gilberto cursou ciências sociais* [o que não parece ser sinônimo de História], *outro traço original em sua formação. [...] A principal influência universitária veio-lhe da antropologia cultural de Franz Boas, ainda que, em geral, ele tenha tido acesso às grandes obras desse período pioneiro das ciências sociais norte-americanas* (p. 11). A mitologização prossegue mais adiante: “*no ano em que Freyre o conheceu, 1921, Franz Boas era mais do que um influente professor. Era uma personalidade cercada por uma auréola lendária. Sua estranha aparência física, sua história envolta em mistério, seus tempos de estudante na Alemanha, explorador entre esquimós e índios, os trabalhos no México durante a Revolução, suas polêmicas sobre a participação dos Estados Unidos na guerra e seu discurso anti-racista tinham tudo para atrair a atenção de Gilberto Freyre. Suas constantes referências a Boas refletem essa admiração. Freyre sempre o colocou como um mestre por excelência*” (p. 140).

é, orientando de Franz Boas, pelo menos no sentido convencional do termo em programas pós-graduados norte-americanos, ao contrário do que dá a entender desde a primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*. Por que então essa tentativa de prestidigitação genealógica, que se pode dizer que foi tão bem sucedida que aqui estou eu, quase 80 depois, lutando muito para por os pontos no ii e dar o seu a seu dono.¹³ O reverso da medalha dessa reivindicação de descendência, por parte de Gilberto, consiste numa tentativa de ocultação de sua verdadeira filiação institucional, isto é, que foi aluno matriculado de Departamento de História de Columbia e que foi a esse departamento que apresentou sua, a meu ver, belíssima tese de Mestrado, *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*. Acrescentemos que o nome de Franz Boas está completamente ausente desse trabalho, publicado em inglês já em 1922 e, 42 anos depois, em tradução brasileira datada de 1964 e reeditada em 1977, nas quais o nome de Boas também não aparece, embora abrilhante os prefácios do autor a ambas edições. Brilha também pela ausência o nome de Boas no *Manifesto Regionalista*,¹⁴ no qual o nome de Charles Maurras brilha pela presença.¹⁵

Na tese, de seus professores de Columbia, Gilberto se refere a Franklin Giddings, Alfred Zimmern¹⁶ e Carlton Hayes. A este último Gilberto se refere como “meu mestre de História Social na Universidade de Columbia” (1977: 67). Ora, as ligações de Hayes com Charles Maurras e a *Action Française* são bem conhecidas pelos especialistas.¹⁷ E isto tem me levado a conjecturar em vários de meus textos mais recentes --muitas vezes inéditos, mas não necessariamente desconhecidos de um punhado de *connaisseurs*-- que possa ter sido através de Hayes, ou de círculos a ele ligados em Columbia University,¹⁸

¹³ Ao mesmo tempo em que me arrisco a ser visto como uma espécie de trãnsfuga, infiel ao ideário da pernambucanidade e da gilbertidade, apesar de meu impecável *pedigree* e, como não escapará ao leitor arguto, da imensa admiração que tenho por Gilberto.

¹⁴ Disponível em 7a. edição, com organização e apresentação de Fátima Quintas (Freyre 1996). Consta que a versão original desse *Manifesto* remonte a 1926.

¹⁵ Desses dois trabalhos do jovem Freyre pode-se dizer que contém, *writ small*, todo o sistema de interpretação do Brasil desenvolvido noutros trabalhos pelo autor.

¹⁶ Maria Lúcia Pallares-Burke demonstra com muita elegância, considerando-o “talvez traído por sua memória e levado pela lembrança de um evento marcante” (2005:72), que Gilberto, cujo contacto com Zimmern, em Columbia, se reduz a uma única conferência a que teve ocasião de assistir, dificilmente teria razão de falar nessa “*Grécia também de senhores e de escravos cuja vida social venho estudando na Universidade de Columbia, em curso ministrado pelo Professor Alfred Zimmern, da Universidade de Oxford*” (Freyre 1977:76).

¹⁷ Encontram-se numerosas referências às ligações de Hayes com o pensamento de Maurras em Goyet (2000).

¹⁸ O seguinte trecho de *Tempo Morto e Outros Tempos* (apesar de minha relutância em tratar esse livro como autêntico e fiável diário) pareceria confirmar minha conjectura. “*Beaulieu é muito do grupo de Maurras e Daudet, cujo movimento venho estudando desde meus dias de Columbia e do Cercle*

que Gilberto tivesse se imbuído dos aspectos tradicionalistas e só muito a seu modo modernistas ou progressistas de sua obra, em ligação direta com o filo-lusismo¹⁹ que marca não apenas *Casa-Grande & Senzala*, mas também um texto como o relativamente pouco divulgado, mas que considero como fundamental para a correta interpretação do ideário freyriano, *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*, publicado pela primeira vez no Recife, em 1940. À valorização digamos que progressista da miscigenação, através da qual Gilberto efetivamente se aproxima de Franz Boas, junta-se esse tradicionalismo que muito dificilmente poderíamos atribuir ao grande antropólogo norte-americano.²⁰ A genealogia de Gilberto Freyre é, como se pode notar, bastante complicada e temo que se possa também notar que ainda a estou fazendo mais complicada.

Rüdiger Bilden

Por esta altura do campeonato eu ainda não resolvi meu enigma genealógico. Mas vou agora largar o nome em que venho pensando desde o início desta comunicação. Refletindo, em data recente, sobre os motivos pelos quais Gilberto, com tanta ênfase, declara ter sido “*o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato em seu justo valor*”, eu finalmente atinei com a resposta. Elementar, meu caro Watson. É a prestidigitação de Gilberto. Ressaltando Boas, Gilberto obscurece sua dívida com relação a Rüdiger Bilden, ao qual, com admirável destreza, ele havia se referido poucas linhas antes. Notemos que, nas alterações, introduzidas em 1973, ao artigo originariamente publicado em 1926²¹, Gilberto repete o mesmo procedimento já adotado, 40 anos antes, no prefácio a *Casa-*

Français (*e aqui devo me confessar grato a Carlton Hayes e René Carrié pelo que me fizeram conhecer da Europa de após-guerra antes de eu viajar para cá*) e promete levar-me a Maurras para uma longa conversa” (Freyre 1975:84).

¹⁹ Tenho tratado de Gilberto Freyre como representante de uma certa Direita histórica, essencialmente oposta ao progressismo, entendido em termos de Hegel, Marx, Weber e até Talcott Parsons, em vários de meus artigos, entre eles Motta 2000 e Motta 2008b. O caráter entranhadamente antiweberiano de *Casa-Grande & Senzala*, ou o caráter entranhadamente oposto ao da chamada “ética protestante” da formação social descrita nesse livro, parece-me que tenha sido argutamente captado por Ricardo Benzaquen de Araújo, na passagem que passo a citar, apesar de com elas subsistir, de minha parte, um certo desacordo com sua interpretação teológica: “*Há inúmeras passagens do livro [...] que poderiam ser aqui invocadas para se comprovar essa observação: [...] da vigorosa afirmação da magia, do ócio e de todos os tipos de excesso, particularmente os sexuais, para que se confirme que estamos realmente diante de uma civilização povoada pelo pecado, o exato oposto, por conseguinte, daquele ideal de perfeição terrena, fundado no elogio do trabalho sistemático, da ética, do isolamento e do autocontrole que a doutrina puritana costumava pregar*” (Araújo 1994: 101).

²⁰ Abordei o tema do tradicionalismo e do filo-lusismo em “Gilberto Freyre, René Ribeiro e o Projeto UNESCO” (Motta 2007).

²¹ *Diário de Pernambuco*, 17 de janeiro de 1926.

Grande & Senzala. Bilden é submergido, com maior ou menor destreza, num mar de referências a Boas.²²

Quero imediatamente acrescentar que meu *insight*, por valioso que tenha sido para minha reflexão pessoal e mesmo para a exegese do texto de Gilberto, é também como se parecesse arrombar uma porta escancarada. Maria Lúcia Pallares-Burke dá toda a ênfase devida à influência de Bilden sobre Gilberto. E passo a citá-la:

Existem suficientes indícios para argumentar que Rüdiger Bilden foi o interlocutor em carne e osso de que Freyre necessitava para dar o arranque final da sua nova interpretação do Brasil. Hearn, Chesterton, Spencer, Giddings e mesmo Roquette-Pinto e Boas, apesar de importantes, eram interlocutores muito distantes ou, por assim dizer, mais ou menos desencarnados para exercer esse papel (p. 378).²³

Gilberto, recordemos, convive com Bilden em Nova Iorque, no ano de 1921. Encontram-se pela primeira vez não em sala de aula, mas em algum lugar de Greenwich Village, conforme Gilberto descreve no artigo originariamente publicado em 1926.²⁴ Numa adição ao mesmo artigo, introduzida, entre outras, em 1973, Gilberto acrescenta logo ter descoberto que Bilden “*seguí[a], como eu, os cursos de Antropologia [...] de Franz Boas*” (Freyre, *apud* Pallares-Burke 2005:441).²⁵

Bilden passa cerca de um ano no Brasil (sobretudo no Rio de Janeiro), a partir de dezembro de 1925, e vem ao Recife visitar Gilberto. Os amigos viajam juntos (como diz Gilberto no trecho já citado do prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*) pelo Sul dos Estados Unidos, em 1931. Houve, enfim, grande intercâmbio entre eles. E, sempre seguindo as transcrições e as análises da muito arguta e muito benemérita Maria Lúcia Pallares-Burke, Gilberto, no dizer de Bilden em carta a Melville Herskovits, “*é a*

²² Se “minhas retinas tão fatigadas” não me enganam, não há referência a Boas na versão original de 1926, há duas na versão intermediária de 1979, e cinco muito estratégicas referências ao mesmo Boas na versão de 1973, publicada em 2001. Textos e alterações são reproduzidos em Pallares-Burke 2005:431-446.

²³ Maria Lúcia enfatiza que se trata de uma influência recíproca: “*O encontro de Bilden com Freyre em Nova Iorque, cumpre apontar, fora também determinante na própria trajetória intelectual do jovem historiador alemão. Seu interesse geral pela questão da escravidão nos Estados Unidos e pela história da América Latina se desviara para o Brasil a partir do [seu] contacto com Freyre em Columbia. Como relatou a seu antigo colega, Melville Herskovits, a dissertação de mestrado de Freyre em Columbia [...] ‘é um bom trabalho, a leitura do qual, em manuscrito, despertou pela primeira vez meu interesse pelo problema da escravidão brasileira e me lançou em meus estudos brasileiros’. Essa influência recíproca [...] seria claramente expressa por Freyre dez anos mais tarde, quando afirmou que dentre os colegas de Columbia, o ‘teuto-americano Ruediger Bilden foi o que fez maior impressão sobre mim e que, por sua vez, confessa ter sob o estímulo de preocupações e trabalhos meus, se dedicado ao estudo da escravidão e das instituições patriarcais na América, em geral, e no Brasil, em particular’*”(p. 379).

²⁴ Muito oportunamente transcrito em Pallares-Burke 2005:435-439.

²⁵ A nova versão do artigo foi finalmente publicada em Freyre 2001:34-39.

única pessoa que viu meus manuscritos” (apud Pallares-Burke 2005:404). E, da mesma autora, eu tomo a liberdade de transcrever a conclusão segundo a qual

a transformação de Freyre em discípulo de Boas se completou ou finalmente tomou forma nessa época²⁶ por um complexo de circunstâncias, entre elas o convívio direto com Rüdiger Bilden²⁷ --com quem ele não estivera desde 1926-- e a reflexão sobre tantas idéias variadas que vinha absorvendo, incluindo as desenvolvidas pelo próprio Bilden nos textos de 1929 e 1931. [...] É de crer que o contacto com Bilden [...] discípulo [de Boas] contribuiu para que Freyre recuperasse os ensinamentos do antropólogo de Columbia exatamente porque o teria ajudado a esclarecer o problema²⁸ que tinha a solucionar (p. 400),

Note-se que em nenhum momento eu penso em subestimar a originalidade de Gilberto Freyre.²⁹ O que eu queria era resolver o “enigma genealógico” a que já me referi, o que, pelo menos no que diz respeito a este enigma,³⁰ eu ousou pensar que consegui (com a muito preciosa ajuda de Maria Lúcia Pallares-Burke). Por que é que Boas, que não é mencionado nem em *Vida Social* (Freyre 1977 e antecedentes de 1921, 1922 e 1964), nem no *Manifesto Regionalista* (1996), esse mesmo Boas, que **não** foi, em Columbia University, o *advisor* de Gilberto Freyre que, durante seu único ano como estudante pós-graduado nessa universidade, esteve matriculado no Departamento de História, ao qual apresentou sua bela dissertação, *Social Life in Brazil in Middle Nineteenth Century*, por que então Boas é elevado, no prefácio de *Casa-Grande*, à categoria de mestre, orientador e inspirador?

À luz da evidência disponível, parece-me muito razoável que se conclua que Gilberto exalta Boas para deixar num patamar menos elevado a influência que recebeu de

²⁶ A época é a da “aventura do exílio” (Freyre 1933:9), imediatamente posterior à Revolução de 30, que levou nosso autor a Portugal e depois, em 1931, à Universidade de Stanford, como professor visitante. Num texto publicado em 1989, eu dizia, com talvez menos generosidade e não sei com quanta originalidade retrospectiva ou prospectiva: *“Tudo indica que o jovem Gilberto Freyre não estivesse pensando em fazer carreira como antropólogo, cientista social ou mesmo como historiador, mas que, pelo menos até a ‘aventura do exílio’, isto é, até a Revolução de 30 e deposição do Governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, de quem era secretário particular e ‘protégé en titre’, se orientasse para uma carreira na política ou na diplomacia. A Antropologia, a perspectiva (na falta de coisa melhor), de uma carreira universitária, esboçada no ao letivo que passou em Stanford, na Califórnia e, ainda na década de 30, em sua nomeação para catedrático da recém-fundada Universidade do Brasil (no Rio de Janeiro), parecem ter constituído, nem mais nem menos que --para usar a expressão em moda-- uma ‘estratégia de sobrevivência’ por parte de um gentleman desempregado. Mas um gentleman de gênio”* (Motta 1989:561).

²⁷ Na já mencionada viagem ao “Deep South”.

²⁸ Esse problema é “*a questão da miscigenação*”, associada à “*escravidão e à monocultura latifundiária*” (p. 399).

²⁹ O que equivaleria a querer subestimar Molière por ter tomado emprestado não só o enredo, como a caracterização de muitos personagens, a originais romanos, espanhóis ou outros.

³⁰ Entre muitos outros enigmas, genealógicos e outros, suscitados pela biobibliografia de Gilberto.

Rüdiger Bilden, que também menciona e também reconhece, prevenindo assim restrições ou acusações quanto à originalidade do seu próprio trabalho. Tais acusações seriam essencialmente infundadas. Gilberto Freyre não se limitou a apresentar, *more geometrico*, um formulário para o entendimento da sociedade brasileira. Gilberto Freyre vestiu-a (ou desnudou-a) em carne e sangue.³¹ Sua percepção não é só, talvez nem sequer principalmente, a de um cientista social ou historiador --embora seja *também* de um cientista social e historiador e logo qual!-- mas de um artista. E --já que não há estudioso que não recite uma ladainha de aproximações de Gilberto com autores do mundo inteiro e talvez outros, permito-me também sugerir algumas. Enquanto artista, Gilberto me parece afim ao Thomas Mann de *Buddenbrooks*, onde tudo gira de casas-grandes e sobrados, da ascensão, esplendor e decadência de uma família patriarcal, acompanhada, no espaço da mesma casa, durante três gerações. Fora do campo estritamente literário, a arte, ou a ciência, de Gilberto Freyre se avizinha de alguns grandes historiadores, de Jacob Buckhardt, em *A Civilização do Renascimento na Itália* e, mais ainda, do esplêndido Johan Huizinga, em *O Outono da Idade Média*.³²

Ao ser influenciado por Bilden, Gilberto fica portanto muito longe de restringir-se à simples adoção, transposição ou manipulação dos conceitos e proposições de seu amigo em “Brazil, Laboratory of Civilization” (1929) ou noutros trabalhos ou projetos a que teve acesso. Por outro lado, nada nos obriga a pensar que Bilden fosse o oposto de Gilberto. Não temos porque imaginá-lo como um Alemão de caricatura, metódico, exato e minucioso, no qual o espírito de geometria predominasse sobre a fineza e a intuição criadora. Muito ao contrário, aquilo que se pode deduzir das lembranças e referências de Gilberto e da seção “Rüdiger Bilden: Um Interlocutor Esquecido” do livro de Pallares-Burke (2005: 378-406) faz entrever uma pessoa de extremada sensibilidade. Seu relacionamento com Gilberto não parece ter sido o da complementação de qualidades opostas, ainda que se possa admitir que Bilden fosse mais sistemático e Gilberto mais intuitivo, porém sobretudo do semelhante fascinado pelo semelhante.

Note-se também que é justamente com muito “esprit de finesse” que se há de interpretar meu revisionismo a respeito do relacionamento entre Boas e Gilberto. Quer os tenha adquirido diretamente, quer, como é muito mais provável, os recebesse sobretudo

³¹ Eu aqui me lembro da recomendação de um dos meus professores do Departamento de Antropologia de Columbia : “*Try to clothe it in flesh and blood. It will not do to make the mistake of etherealising it*” (Arensberg 1968: 48).

³² Sustentei opiniões muito semelhantes a esta em um artigo necrológico sobre Freyre (Motta 1989).

através de Bilden, a antropologia histórica de Gilberto (ou, se preferirmos, sua história antropológica) está profundamente impregnada de elementos boasianos.³³ A identificação desses elementos, ultrapassando a banalidade da diferenciação, ou separação, entre raça e cultura, constitui ou, sem a menor dúvida, deve constituir uma frente de expansão da pesquisa freyriana.³⁴

Finalmente, como se se tratasse de uma espécie de corolário, eu gostaria de observar que, se Gilberto Freyre é de fato essa “força da natureza”, com intuições e imagens que não se exprimem ou traduzem com facilidade em conceitos, teses e conclusões bem delimitadas e articuladas (Gilberto jamais consegue dominar e libertar-se do seu próprio imagismo), convém portanto que seus intérpretes não propriamente desistam de identificar os elementos mais propriamente racionais implícitos, muitas vezes até explícitos, em sua vasta obra, porém que estejam conscientes do risco de hiper-racionalização, isto é, de descobrir mais coerência, mais “enredo”, do que Gilberto era realmente capaz de fornecer até para seu próprio uso.

³³ Minha percepção desses elementos se aguçou consideravelmente com a leitura e a reflexão sobre o livro de Élide Rugai Bastos, *As Criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*, sobre o qual preparei um longo artigo de resenha.

³⁴ Embora evidentemente Gilberto não se limite a aplicar ao caso brasileiro os preceitos (se fosse este o termo) de Boas ou de Bilden. Há em Gilberto outras influências e eu creio que é também prioritária (e mais difícil, devido ao processo de ocultação de que já falei) a pesquisa sobre o relacionamento entre Gilberto e Carlton Hayes, através do qual se pode pensar que Gilberto começou a sofrer a influência de Charles Maurras. Há indícios de que também Bilden tivesse sido afetado por essa influência.

Referências Bibliográficas

- Araújo, Ricardo Benzaquen de
1994 *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Arensberg, Conrad
1968 *The Irish Countryman*. Garden City, The Natural History Press.
- Bastos, Élide Rugai
2006 *As Criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*, São Paulo, Global.
- Chacon, Vamireh
1993 *Gilberto Freyre: Uma Biografia Intelectual*, Recife/São Paulo, Massangana/Companhia Editora Nacional (Brasiliana 387).
- Freyre, Gilberto
1921 *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História de Columbia University, publicada como Freyre 1922.
1922 “*Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*”, in *Hispanic American Historical Review*, Durham, N.C., novembro de 1922, pp. 597-630.
1933 *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regimen de Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt.
1940 *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*, Recife, 1940. (Reeditado no Recife pelo Gabinete Português de Leitura, 1980.)
1975 *Tempo Morto e Outros Tempos: Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade-1915-1930*. Rio, José Olympio.
1977 *Vida Social no Brasil em Meados do Século XIX*, Rio de Janeiro, Artenova. (Segunda edição em língua portuguesa da tradução, por Waldemar Valente e revista pelo autor, de Freyre 1921. Primeira edição desta tradução publicada no Recife, 1964, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.)
1996 *Manifesto Regionalista*, 7a. edição, organização e apresentação de Fátima Quintas, Recife, Massangana.
2003 *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, 47a. ed, São Paulo, Global.
2006 *Insurgências e Ressurgências Atuais: Cruzamentos de Sins e de Nãos num Mundo em Transição*, São Paulo, Global.
2006 *Tempo Morto e Outros Tempos: Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade-1915-1930*, 2ª ed., São Paulo, Global.
- Goyet, Bruno
2000 *Charles Maurras*, Paris, Presses de Sciences Po, 2000.
- Lévi-Strauss, Claude
1975 *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Meneses, Diogo de Mello
1944 *Gilberto Freyre: Notas Biográficas*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil.
1991 *Gilberto Freyre: Notas Biográficas*, 2ª edição revista, Recife, Massangana.
- Motta, Roberto
1989 “Gilberto Freyre: Uma Lembrança”, in *Revista de Antropologia* (São Paulo), 30/31/32, pp. 559-64.

- 1993 “Boas e Gilberto”, in *Diário de Pernambuco*, 6 de novembro, p. A 2
- 1993 “Menos Boas e Mais Gilberto” in *Diário de Pernambuco*, 20 de novembro, p. A 2.
- 1993 “Ingrato? Verdadeiro?” in *Jornal do Commercio* (Recife), p. 7.
- 1993 “Em Resumo” in *Diário de Pernambuco*, 4 de dezembro de 1993, p. A 2.
- 2000 “Paradigmas de Interpretação das Relações Raciais no Brasil”, *Estudos Afro-Asiáticos* (Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro), 38, dezembro, pp. 113-134.
- 2004 (em colaboração com Marcionila Fernandes) “Gilberto Freyre: Um Enigma Genealógico”, projeto de pesquisa enviado ao CNPq em agosto de 2004.
- 2007 “Gilberto Freyre, René Ribeiro e o Projeto UNESCO”, em Cláudio Pereira e Lívio Sansone, orgs., *Projeto UNESCO no Brasil: Textos Críticos*, Salvador, UFBA, pp. 38-60.
- 2008a “Élide, Gilberto, Imagismo e Língua de Universidade” (no prelo).
- 2008b “Reação a Max Weber no Pensamento Brasileiro: O Caso de Gilberto Freyre”, em *Estudos de Sociologia* (Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco), vol 13, no 2, pp. 185-206.
- Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia
2005 *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos*, São Paulo, UNESP.
- Rodriguez Larreta, Enrique, e Guillermo Giucci
2007 *Gilberto Freyre, Uma Biografia Cultural: A Formação de um Intelectual Brasileiro- 1900-1936*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,
- Tylor, Edward
1871 *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. London, John Murray.